

## UM ESTUDO DE VOCÁBULOS RECORRENTES E SUAS TRADUÇÕES EM DUAS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR

Autoras: Thereza Cristina de SOUZA LIMA e Diva Cardoso de CAMARGO (UNESP – São José do Rio Preto)

**ABSTRACT:** *Having identified “life/death” as a couple of Lispector’s preferential key-words in our corpora, we analysed aspects of normalization in relation to them. For theoretical support on corpus-based translation research, we used Baker’s (1993, 1996, ), Berber Sardinha’s (2004) and Scott’s (1998) proposals; for the literary approach, we followed Nunes (1995).*

**KEYWORDS:** *literary translation; corpus-based translation research; normalization; Clarice Lispector; “life/death”*

### **0. Introdução**

Grande parte de nossa experiência e conhecimento sobre outras culturas acontece por meio da tradução, sendo, talvez, a literatura um dos exemplos mais claros a esse respeito.

No caso de Clarice Lispector, escritora considerada enigmática, introspectiva que se vale de uma linguagem peculiar, de difícil compreensão, e os temas abordados variam, principalmente, entre vida, morte, amor, silêncio.

Sobre a linguagem da Autora, na visão de Alceu Amoroso Lima, “ninguém escreve como Clarice Lispector. Clarice Lispector não escreve como ninguém, só seu estilo mereceria um ensaio especial. É uma clave diferente a qual o leitor custa a adaptar-se (1946, orelha do romance *O Lustre*).

Diante das características do estilo da Autora, aumentam as dificuldades de tradução. Justifica-se, pois, uma investigação a respeito das soluções apresentadas pelo tradutor Giovanni Pontiero ao traduzir, para o inglês britânico, as crônicas que Clarice Lispector escreveu e publicou no *Jornal do Brasil* entre 1967 e 1973, que compõem a obra *A Descoberta do Mundo (DM)*, nosso TP1, cujo título Pontiero traduziu

como *Discovering the World (DW)*, nosso TC1. Justifica-se também o mesmo tipo de investigação no romance *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres (ALP)*, nosso TP2, em virtude de suas características; essa obra foi traduzida para o inglês americano por Richard A. Mazzara e Lorri A. Parris com o título *An Apprenticeship or the Book of Delights (ABD)*, nosso TC2. Com base em Ranzolin (1985), Clarice realiza um (re)aproveitamento de partes das crônicas da *DM* no romance *ALP*, ou, à maneira inversa, o (re)aproveitamento de partes de seu livro *ALP* nas crônicas da *DM*, visto a pesquisadora ter explicado a impossibilidade de se determinar, com segurança, qual o primeiro trabalho desenvolvido pela Autora. Já Gotlib acredita que Lispector selecionou, de seus contos e romances, muitos dos textos que publicou no *Jornal do Brasil* (GOTLIB, 1993 p. 316); assim como utilizou textos anteriormente escritos e os “colou” na *ALP*, como por exemplo, “O silêncio da Suíça e O inverno em Paris” e “Uma prece” (IDEM, p. 308)

É importante ressaltar a respeito desses (re)aproveitamentos, aos quais denominaremos de “fragmentos”, deslocamentos, mudança de pronomes, reduções e ampliações de parágrafos, conforme o fluxo irregular do discurso. Conseqüentemente, tais diferenças levaram à mudanças substanciais em cada uma das respectivas traduções.

Investigando mais detalhadamente a escritura clariciana, constatamos a importância da repetição e da carga emocional que seus vocábulos preferenciais ou palavras-chave acarretam. Como se sabe, a repetição está presente em várias partes da escritura clariciana, inclusive nos fragmentos (re)aproveitados, que também não deixam de constituir outro tipo de repetição. Clarice é consciente desse processo enriquecedor de seu estilo e, na visão de Sá (2000:151), a escritora não tem medo da repetição. Assume-a realmente como uma técnica e um gosto pessoal, “... a repetição me é agradável e repetição acontecendo no mesmo lugar termina cavando, pouco a pouco, cantilena enjoada, diz alguma coisa” (Idem).

Outro aspecto importante da escritura clariciana refere-se a sua técnica de comunicar-se pelas entrelinhas: não se lê o que está nas linhas do texto, mas sim aquilo que se esconde entre elas. A Autora usa as palavras para escrever e as entrelinhas para mostrar as verdades, o que dá lugar à interpretação do leitor e, em decorrência, no texto traduzido, à interpretação do tradutor. Em palestra proferida na USP, em 18 de setembro de 2003, a respeito do estilo de Clarice Lispector, o pesquisador e tradutor Alexis Levitin enfatiza que, “palavras dão uma direção, mas não uma definição”.

Esse jogo palavra/entrelinha também nos remete a Benedito Nunes (1995:153) que, de maneira semelhante, refere-se à inversões e antíteses, peculiares ao estilo clariciano, como, por exemplo: “vida” e “morte”, um dos pares de palavras-chave, recorrentes e preferenciais da Autora.

## 1. Perspectiva Teórica

O objetivo da nossa pesquisa é investigar o fenômeno da normalização em textos traduzidos. Adotamos uma abordagem multidisciplinar baseada nos estudos de tradução (BAKER, 1993, 1996, 1999, 2000 no prelo e SCOTT, 1998), na lingüística de corpus (BERBER SARDINHA, 2004) e também nos estudos literários (NUNES, 1995; SÁ, 2000).

O arcabouço teórico-metodológico principal apóia-se em Baker, que se dedica aos estudos da tradução, privilegiando o estudo de padrões apresentados pelo texto traduzido. É a partir do reconhecimento da tradução, enquanto espaço que privilegia a cultura de chegada, que Baker (1993) constitui a tradução como objeto de pesquisa *per se*, e elege, também para compor seu quadro metodológico, a abordagem da lingüística de corpus.

Outrossim, justificamos nossa abordagem baseada em Nunes (1995) e Sá (2000), pelo fato de estes autores nos darem subsídios para uma análise literária da linguagem de Clarice Lispector quanto a vocábulos recorrentes e preferenciais por ela utilizados, o que nos possibilitará uma observação mais detalhada das soluções apresentadas pelos profissionais que traduziram tais vocábulos constantes dos respectivos TC1 e TC2.

Como a metodologia de Baker vale-se de corpus de tradução, cabe aqui, inicialmente, apresentarmos a sua definição:

Corpus, agora significa fundamentalmente uma coletânea de textos que permitam leitura em formato eletrônico e que possibilitem análises processadas automaticamente em diversos modos; um corpus (...) inclui tanto textos falados como escritos e um corpus pode incluir um grande número de textos provenientes de várias fontes, produzidos por muitos escritores e falantes e sobre uma variedade de tópicos (...) reunidos por uma finalidade específica e de acordo com critérios explícitos quanto ao seu desenho (...) representativo de uma dada área.<sup>1</sup>

A proposta de Baker parte de duas principais correntes de pensamento, uma na área de investigação da tradução e outra na da lingüística de corpus. A primeira baseia-se nas concepções de Toury ([1978], 2000), para quem os estudos descritivos da tradução constituem o ramo da disciplina que deve fornecer uma metodologia coerente e procedimentos explícitos de pesquisa, de forma a permitir que os resultados de estudos descritivos individuais sejam expressos em termos de generalizações sobre o comportamento tradutório. A segunda vertente provém do lingüista Sinclair (1991) para quem os corpora computadorizados conseguem minimizar, em parte, as limitações humanas do pesquisador e sua dependência da intuição. A partir dessas duas correntes de pensamento, Baker (1993, p.243) estabelece a tradução como objeto de pesquisa da disciplina, cujo objetivo passa a ser a identificação de traços do texto traduzido que levarão ao entendimento do que é, e de que como funciona a tradução.

Segundo Baker (1993, p.243) há quatro características que “tipicamente ocorrem em textos traduzidos (...) e que não são resultado da interferência de sistemas lingüísticos específicos”<sup>2</sup>. Mais especificamente essas características são:

a) *Normalização*: Tendência do tradutor em exagerar características da língua de chegada, adaptando a linguagem do texto original aos padrões típicos da linguagem do texto traduzido. A normalização pode ocorrer no nível da microestrutura e afetar a macroestrutura do romance, como, segundo Scott (1998, p.3), aconteceu na obra espanhola *Don Quixote* em sua tradução para a língua holandesa. Baker (1996, p.183) afirma que há uma relação entre a normalização e o status da língua de chegada, isto é, quanto mais alto o status da língua de partida, menor a tendência da normalização. Além disso, Baker (op. cit.) observa que a normalização é mais evidente no uso de estruturas típicas gramaticais, na pontuação e nos padrões de combinação de palavras.

b) *Explicitação*: Tendência do tradutor em tornar a linguagem mais explícita, mais clara para o leitor do texto traduzido. A referida estratégia mostra-se coerente com o fato de os textos traduzidos serem, em média, 10% mais longos que os textos originais.

c) *Simplificação*: Tendência do tradutor em simplificar a linguagem usada na tradução, ou seja, tornar a leitura mais fácil (não necessariamente mais explícita) para o leitor. O uso de vocabulário menos variado é um traço de

textos traduzidos e também de textos direcionados para falantes não nativos de uma língua, a fim de torná-los mais fáceis de processar.

d) *Nivelamento*: Tendência em encontrar um equilíbrio não exagerando características da linguagem do texto original nem características da linguagem do texto traduzido. O nivelamento envolveria uma tendência em trazer o texto traduzido para uma linguagem padrão na língua de chegada; conseqüentemente deixando de privilegiar a língua de partida.

Em tese apresentada à Universidade de Liverpool (1998), Maria Nélia Scott (p.4) investiga a normalização, por meio de traços levantados na tradução do romance de Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*, associando a normalização ao que Venutti (1995a, p.31) refere como “domesticação”, ou seja, “tornar o texto estrangeiro claro (...) domesticando-o.”<sup>3</sup> Na sua tese, Scott estabelece onze características de normalização: 1) padrões de repetição; 2) pontuação; 3) metáforas incomuns; 4) comprimento do texto e da sentença; 5) estruturas sintaticamente complexas; 6) ambigüidade; 7) imprecisão de expressão; 8) mudança de linguagem coloquial para formal; 9) omissões e/ou adições; 10) troca de palavras menos comuns por mais comuns e 11) outras mudanças na tradução.

## 2. Material e método

Empregaremos dois corpora paralelos, ou seja, textos originais numa língua de partida e suas respectivas traduções numa língua de chegada, por serem os mais indicados para nossa pesquisa.

O corpus 1 é composto pelo subcorpus (TP1) *A Descoberta do Mundo (DM)*, ([1984], 1987, 1999), obra póstuma formada por uma coletânea de crônicas escritas por Clarice Lispector e publicadas no *Jornal do Brasil* entre 19/08/1967 e 29/12/1973, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 478 páginas, 171.255 palavras; e pelo subcorpus (TC1) *Discovering the World (DW)* (1992), tradução feita por Giovanni Pontiero, Manchester: Carcanet Press, 652 páginas, 194.870 palavras. O corpus 2 é composto pelo subcorpus (TP2) *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres (ALP)*, (1969), Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 155 páginas, 36.260 palavras; e pelo subcorpus (TC2) *An Apprenticeship or The Book of Delights (ABD)* (1986) tradução feita por Richard A. Mazzara e Lorri A. Parris, Austin: University of Texas Press, 126 páginas, 44.409 palavras.

Com base em Baker (1993) e em Berber Sardinha (2004), procedemos a um levantamento gerado pela ferramenta *WordList* do programa *WordSmith Tools*, o qual evidenciou a alta frequência dos vocábulos “vida” e “morte”. A seguir, efetuamos concordâncias dos referidos vocábulos nos TP1/TC1 e TP2/TC2, a fim de observar o seu contexto (linhas com palavras à esquerda e à direita dos nódulos “vida” e “morte”). Dada a sua alta ocorrência nos fragmentos semelhantes traduzidos tanto por Pontiero (TC1) quanto por Mazzara e Parris (TC2) em ambos os corpora, efetuamos as concordâncias e selecionamos alguns exemplos para ilustrar o presente trabalho.

### **3. Concordâncias e análises dos vocábulos “vida” e “morte”**

A partir dos procedimentos sugeridos por Scott (1998), identificamos três características de normalização como as mais pertinentes para nossa pesquisa:

3.1 *Repetição*: A importância da repetição em textos tem sido constantemente estudada (Jakobson, 1960/1987; Halliday e Hasan, 1976; Baker, 1992; Berber Sardinha, 1997) e vista como uma característica usada pelos escritores para manter a coesão e a coerência do texto. O papel paradoxal da repetição é que, ao mesmo tempo que se cria a sensação de “mesmice”, acrescenta-se também alguma coisa nova, ou seja, enquanto, por um lado a repetição é útil para clarear e anular a ambigüidade que poderia ocorrer no texto, por outro lado, o acúmulo de repetição adiciona-lhe camadas extras de significado, especialmente se o texto em questão tiver características expressivas.

Utilizando o *software WordSmith Tools*, constatamos que os vocábulos “vida/morte” foram dos mais recorrentes e preferenciais utilizados pela Autora nos TP1 e TP2 e nos fragmentos semelhantes encontrados em ambas as obras. Observamos que o vocábulo “vida” ocorre 443 vezes no TP1, 109 vezes no TP2 e 48 vezes nos fragmentos semelhantes reaproveitados por Clarice em ambas as obras. Quanto ao vocábulo “morte”, registram-se 116 ocorrências no TP1, 40 no TP2 e 33 nos referidos fragmentos. Segue, abaixo, um exemplo de repetição:

**TP1-** 1- Ah, como me inquieta não conseguir **viver o melhor**, e assim poder enfim **morrer o melhor**.

**TC1-** 1- *Oh, how it distresses me not to be able to live a better life in order to die a better death.*

**TP2-** 1- Ah como se inquietava de não conseguir **viver o melhor**, e assim poder um dia enfim **morrer o melhor**.

**TC2-** 1- *Ah, how it troubled her not to be able to live fully so that one day she could finally die fully.*

Pelo exemplo acima, identificamos traços de normalização no TC1, relacionados com o emprego de pleonasmos semânticos da parte de Pontiero, os quais não constam no TP1 de Lispector: “*to live a better life*” ← “*viver o melhor*” e “*to die a better death*” ← “*morrer o melhor*”. Já no nosso TC2, Mazzara e Parris não utilizam o recurso do pleonasma semântico ao traduzirem “*to live fully*” ← “*viver o melhor*” e “*to die fully*” ← “*morrer o melhor*”. A decisão de Pontiero, feita de modo consciente ou inconsciente, de utilizar uma estratégia de repetição, por meio de pleonasmos semânticos, contribuiria, além da ênfase, para melhor compreensão do texto por parte dos leitores de língua inglesa.

3.2 *Pontuação*: Esse recurso estilístico em Lispector enfatiza e acrescenta um significado expressivo ao texto. Em seu romance *A Hora da Estrela*, Clarice refere-se a própria pontuação: “Ou não sou um escritor? Na verdade sou mais ator porque, com apenas um modo de pontuar faço malabarismos de entonação, obrigo o respirar alheio a me acompanhar o texto.” (1977:37).

Observamos que o romance *ALP* começa com imagens que tanto podem ser título ou uma narrativa brevíssima de um capítulo: *A Origem da Primavera ou A Morte Necessária em Pleno Dia.*/ *The Beginning of Spring or A Necessary Death in Broad Daylight*. O referido título/narrativa aparece sozinho na primeira página do TP2. Entretanto, no TC2, o tradutor dá ao leitor apenas a idéia de título, uma vez que o primeiro parágrafo segue logo abaixo. Já Pontiero não usa tal processo por traduzir crônicas que, devido à necessidade de condensação, requer que o título seja imediatamente seguido do texto.

Outro aspecto observado é o uso abundante de reticências utilizado pelos tradutores Mazzara e Parris no TC2, contrastando com a escrita contínua de Clarice tanto no TP1 quanto no TP2. Apesar de não termos detectado no TC1 o uso abundante de reticências como notamos

no TC2, pudemos perceber que Pontiero apresenta uma tendência no TC1 de utilizar o ponto em vez da vírgula, quebrando o fluxo regular e ininterrupto, característico da escritura clariciana. Tais mudanças podem ser consideradas tentativas de normalização, uma vez que ajudam a fazer com que o TC1 e o TC2 sejam mais facilmente compreendidos pelo leitor da obra traduzida.

3.3 *Metáforas incomuns*: Pensar metaforicamente é central a nossa existência. Todavia, a metáfora traduzida pode ser mal-entendida quando, por exemplo, a imagem que ilustra o item ou o evento for desconhecida na língua de chegada. Há, na escritura clariciana, um uso abundante de metáforas incomuns que tendem a prender o interesse do leitor como pode ser observado no seguinte exemplo:

**TP1-** 1- de repente a máscara de guerra de vida cresta-se toda no rosto como lama seca

**TC1-** 1- suddenly *the mask of the war of life crumbles on one's face like dry clay.*

**TP2-** 1- de repente a máscara de guerra da vida crestava-se toda como lama seca,

**TC2-** 1- suddenly *the war paint that she wore in life cracked like dried mud*

Notamos, no exemplo acima, que a metáfora “máscara de guerra de vida” foi traduzida literalmente por Pontiero (TC1), “*mask of the war of life*”. Já no TC2, a mesma metáfora foi traduzida por “*the war paint that she wore in life*”. A opção por “*war paint*” e o acréscimo do verbo “*wore*” demonstram uma preocupação dos tradutores Mazzara e Parris em expandir uma metáfora incomum, a fim de torná-la mais clara para o leitor. Esse procedimento pode ser identificado como um traço de normalização.

#### 4. Considerações finais

Com base nos exemplos discutidos nesta investigação, poderíamos supor que os tradutores Pontiero, Mazzara e Parris,

respectivamente nos TC1 e TC2 apresentam certas tendências à utilização de estratégias que podem ser vistas como uma hipótese de normalização. Levando em conta a liberdade de cada tradutor em questão, notamos que as características de normalização podem estar interligadas ao tipo de texto e ao estilo de cada profissional. Nesse sentido, o estilo individual dos tradutores selecionados para análise transparece nos respectivos textos traduzidos, por meio, dentre outros, de recursos relacionados a combinações diferentes e ao acúmulo de padrões recorrentes, distintivos e preferenciais de repetição, pontuação e metáforas incomuns.

## Notas

1 Corpus now means primarily a collection of texts held in machine-readable form and capable of being analysed automatically in a variety of ways; a corpus (...) includes spoken as well as written text, and a corpus may include a large number of texts from a variety of sources, by many writers and speakers and on a multitude of topics (...) put together for a particular purpose and according to explicit design criteria (...) representative of the given area. [As traduções das citações em nota de rodapé são de nossa responsabilidade].

2 features that typically occur in translated texts (...) and which are not the result of interference from specific linguistic systems

3 making the foreign text plain (...) domesticating.

## Referências Bibliográficas

BAKER, M. Corpus Linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Ed.) *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993, p.233-250.

\_\_\_\_\_. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*. 7:2, 1995, p.223-243.

\_\_\_\_\_. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (Ed.). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering*, in honour of Juan C. Sager. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996, p.175-186.

- \_\_\_\_\_. Lingüística e Estudos Culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos Estudos da Tradução?. In: MARTINS, M. A. P. (Org.). *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucerna, p.15-34. 1999.
- \_\_\_\_\_. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*. 12:2, p.241-266.
- BERBER SARDINHA, T. *Lingüística de Corpus*. São Paulo: Editora Manole Ltda, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, K. *Coesion in English*. London: Edward Arnold, 1976.
- JAKOBSON, R. Poetry of Grammar and Grammar of Poetry In: K. Pomorska and S. Rudy. 1960/1987, p.121-144
- LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, ([1984], 1987, 1999)
- \_\_\_\_\_. *Discovering the World*. Tradução de Giovanni Pontiero, Manchester: Carcanet Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1969.
- \_\_\_\_\_. *An Apprenticeship or The Book of Delights*. Tradução de Richard A. Mazzara e Lorri A. Parris, Austin: University of Texas Press, 1986.
- NUNES, B. *O Drama da Linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1995.
- RANZOLIN, C. R. *Clarice Lispector Cronista: No Jornal do Brasil (1967-1973)*. Santa Catarina, 1985, 430f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- SÁ, O. *A Escritura de Clarice Lispector*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SARDINHA, A. P. *Automatic identification of segments in written texts*. Unpublished Ph.D thesis, University of Liverpool. 1997.
- \_\_\_\_\_. *Ferramentas de busca e de exploração de corpora*. Trabalho apresentado no I Seminário de Estudos de Corpus, 10<sup>o</sup> InPLA, São Paulo, USP, out. 1999a.
- SINCLAIR, J. *Corpus, Concordance, Collocation*. Hong Kong: Oxford University Press, 1991.
- SCOTT, M. N. *Normalisation and Reader's Expectation: A Study of Literary Translation with Reference to Lispector's A Hora da Estrela*. Liverpool: 1998, 318f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Liverpool. Liverpool.
- TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

VENUTI, L. *The translator's invisibility*. New York/London: Routledge.  
1995.